

POR TRÁS DAS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DO PAPA FRANCISCO NA MENSAGEM DA QUARESMA DE 2015

Rayane Lima Martins¹
Francisca Cordelia²

RESUMO

Este artigo tem como objeto de estudo o discurso do Papa Francisco para a quaresma de 2015 com o título “Fortalecei os vossos corações (Tg 5,8)”. Para atingir mais pessoas e tornar o seu discurso eficaz, o Papa utiliza algumas estratégias discursivas. O objetivo deste artigo é identificar e analisar essas estratégias discursivas utilizadas na sua mensagem para os fiéis, sob a perspectiva da Análise de Discurso Crítica (ADC). Para alcançar tal finalidade, os estudos de Fairclough (2001 e 2003), Magalhães (2005), Brandão (1997), entre outros, serão utilizados como base. O artigo estrutura-se em introdução, sustentação teórica (em que são apresentados os conceitos relativos à ADC – práticas discursivas e sociais; poder, ideologia e hegemonia; estratégias discursivas –; análise do texto e considerações finais). Os resultados evidenciam que, em sua fala, o Pontífice utiliza estratégias como ideológicas, persuasivas, metafóricas e outras.

Palavras-chave: Estratégias discursivas. Discurso religioso. Análise do Discurso Crítica.

ABSTRACT

This article has as object of study Pope Francis’ discourse to the lent of 2015 entitled “Make your hearts firm (James 5, 8)”. In order to reach more people and make it effective, the pope uses some discursive strategies. The objective of this paper is to identify and evaluate those discursive strategies in his message to the faithful, under the perspective of the Critical Discourse Analysis (CDA). To achieve this purpose, research from Fairclough (2001 and 2003), Magalhães (2005), Brandão (1997), and others, are used as a base. The paper is structured as follows introduction, theoretical support (in which are presented the concepts related to the CDA: discursive and social practices; power, ideology and hegemony; discursive strategies, text analysis and final considerations). The results show that, in his speech, the Pontiff utilizes strategies such as ideological, persuasive and metaphoric among others.

Keywords: Discursive strategies. Religious discourse. Critical Discourse Analysis.

¹ Graduanda em Letras – Português na Universidade de Brasília (UnB). E-mail: rayane.lim@hotmail.com

² Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB), professora Adjunta 1 do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB) e orientadora deste presente artigo. E-mail: cordelia.prof@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A figura do Papa Francisco, o que ele fala e faz têm ampla visibilidade econômica, social e política; e os seus discursos, devido a esse fato, possuem um alcance considerável e são alvos constantes de discussões em âmbito mundial. A fim de compreender o “poder” e a credibilidade desse homem, expressos em seus pronunciamentos, este trabalho analisa as estratégias discursivas de persuasão presentes na *Mensagem do Papa Francisco para a quaresma de 2015*, intitulada com um versículo da Bíblia: “Fortalecei os vossos corações (Tg 5,8)”.

O objetivo desse artigo é identificar e analisar as estratégias discursivas de persuasão usadas neste discurso em específico, com vistas a contribuir para uma breve reflexão sobre como esses recursos são utilizados. E, além disso, buscaremos respostas a algumas questões: Quais são essas estratégias? Como são utilizadas? Quais são os seus efeitos? Ademais, localizaremos as marcas linguístico-textuais que confirmem a presença das estratégias discursivas ideológicas, persuasivas e outras.

Fairclough (2001, p. 91) define discurso como “modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especificamente sobre os outros, como também um modo de representação” e, de acordo com a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*³, “O Romano Pontífice, como sucessor de Pedro, é perpétuo e visível fundamento da unidade, não só dos Bispos, mas também da multidão dos fiéis”, ou seja, o discurso do Papa Francisco diz respeito à forma de ação dos católicos e os representa. O seu discurso e a comunicação estabelecida por meio dele não são neutros, mas tem objetivos e intencionalidade explícita ou implícita, e as estratégias do discurso são utilizadas para serem eficazes na intenção de atingir os fiéis e fazer com que eles se “moldem” ao modelo por ele estabelecido. Por isso, este estudo se faz necessário.

Os dados desta mensagem serão analisados sobre a ótica da Análise de Discurso Crítica (ADC), e como embasamento teórico utilizaremos os estudos de Brandão (1997), Castro (2005), Fairclough (2001 e 2003), Halliday (1985), Magalhães (2005), Orlandi (2005), Ramalho & Resende (2006 e 2011), Reboul (2004), Santa Sé (2013), entre outros. Faremos uma breve introdução sobre a Análise de Discurso Crítica, logo após apresentaremos o *corpus*, a mensagem na íntegra, e a sua análise com base nas estruturas discursivas detectadas. Utilizaremos os estudos de procedimento tipológicos – segundo os estudos de Max Weber –

³ A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* é um documento fruto do Concílio Ecumênico Vaticano II sobre a Igreja Católica Apostólica Romana. A Igreja dá este título de Constituição Dogmática para os textos que tratam de temas importantes e que fazem parte do depósito da fé (tradição e magistério). A *Lumen Gentium* aborda a natureza e a constituição da Igreja como instituição e como Corpo Místico de Cristo.

etnológicos – conforme os estudos de Garfinkel. Faremos uma pesquisa qualitativa, exploratória e documental.

2 ANÁLISE DE DISCURSO – BREVE INTRODUÇÃO

A Análise de Discurso (AD) tem como seu objeto de estudo o discurso: “a linguagem como prática social” (MAGALHÃES, 2005, p. 2). A ADC estuda o discurso com base em um método próprio, diferenciando-se da Linguística Crítica (LC), pois a sociedade, a história, o contexto e seu significado importam e são essenciais. A exterioridade do discurso também é analisada: a linguagem é vista como prática social.

Orlandi (2005, p. 15) afirma que a AD busca entender “a língua, por meio do discurso, fazendo sentido”. Magalhães (2001, p. 2), com base nos estudos da Wodak, menciona que a ADC atualmente se refere “à abordagem da linguística adotada por estudiosos que tomam o texto como unidade básica do discurso e da comunicação e que se voltam para a análise das relações de luta e conflito social”.

Língua, linguagem e discurso possuem significados diferentes, mas existe conexão entre eles. A língua surgiu a partir da necessidade do homem de se comunicar, e a mediação homem e sociedade se dá pela linguagem, e ela “se mostra um recurso capaz de ser usado tanto para estabelecer e sustentar relações de dominação quanto, ao contrário, para contestar e superar tais problemas” (RAMALHO & RESENDE, 2011, p. 14). Essa interação se dá pela linguagem que, por sua vez, tem intencionalidade e ideologia. Fairclough (2003, p. 26) esclarece os dois significados que o termo “discurso” possui em ADC, sendo o primeiro, “linguagem como momento irreduzível da vida social”, e em segundo “modo particular de representar o mundo”.⁴

2.1 Discurso e metodologia de Fairclough

De acordo com Brandão (1997, p. 12), o discurso é a compreensão da linguagem, não mais focado na língua como Saussure afirmava, como ato individual, e sim fora desse polo dicotômico. O discurso é a mediação entre o homem e sua realidade, logo deve ser compreendido como algo que ultrapasse o nível puramente gramatical, linguístico. Algumas características vão moldar e diferenciar o discurso, como o tempo histórico, espaço geográfico, quem é o falante e o ouvinte, a quais comunidades e grupos pertencem, que crenças possuem, ideologias.

⁴ Tradução de Ramalho & Resende (2011).

Fairclough (2001, p. 92) é pioneiro ao definir discurso como prática social, que contribui para reproduzir a sociedade e colabora, também, para transformá-la. O discurso, para ele, é uma prática de significação do mundo, e isso faz com que o discurso contribua para a “construção das identidades sociais, posições de sujeito, das relações sociais das pessoas, de sistemas de conhecimentos e de crenças”.

Fairclough (2001) afirma que o discurso é um modo de ação, ou seja, as pessoas utilizam-se do discurso para serem e agirem sobre o mundo, mas especialmente sobre os outros, impondo suas ideologias. Para confirmar essa afirmação, Orlandi (2005, p. 17) diz que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. O discurso representa a pessoa e o mundo e dá significado a eles. Ele tem relação dialética com a estrutura social e contribui em todas as dimensões dessa estrutura, como afirma Fairclough (2001, p. 91):

O discurso contribui para constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.

O termo “discurso” de Fairclough (2001) contribui para determinar e fixar novas práticas, mas também pode ser entendido como ação social. Fairclough (2001, p. 91) ainda expõe os três efeitos construtivos do discurso, que são: “o discurso contribui para construção de identidades sociais (...) para a construção de relações sociais entre as pessoas (...) [e] para a construção de sistemas de conhecimentos e crenças”. Esses efeitos construtivos correspondem a três funções da linguagem e a dimensões de sentidos que o autor denomina de linguagem “identitária”, “relacional” e “ideacional”, sendo que às funções identitária e relacional ele dá uma nova “roupagem”:

A função identitária relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso, a função relacional a como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas, a função ideacional aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92)

Fairclough (2001) apresenta um modelo com três tradições analíticas importantes para a análise: texto, prática discursiva e prática social; qualquer aspecto textual é elemento significativo na Análise do Discurso. A prática social e o texto são uma “dimensão do evento discursivo” e os dois são mediados “pela prática discursiva que focaliza os processos

sociocognitivos de produção, distribuição e consumo do texto, processos sociais relacionados a ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares” (RAMALHO & RESENDE, 2006, p. 28). A prática discursiva variará de acordo com o tipo de discurso e de fatores sociais. O modelo tridimensional de ADC é esse a seguir:

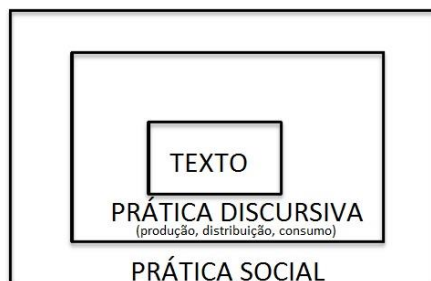


Figura 1: Concepção tridimensional do discurso (FAIRCLOUGH, 2001, p. 101)

A adoção dessa prática nos leva a pensar no discurso de forma dialogada com a estrutura social vigente, o qual restringe, mas também é constituída por ele. A primeira dimensão é o **texto** e a análise pode ser articulada levando em consideração às questões de forma e de significado: vocabulário, coesão, gramática e estrutura textual.

A **prática discursiva** é a segunda dimensão e variará e se modificará de acordo com os fatores sociais que são os apresentados na figura acima (produção, distribuição e consumo). Para a análise da prática discursiva, é proposta a divisão em três partes compostas pela força dos enunciados (atos de fala), a coerência e a intertextualidade. Esses três elementos, somados aos quatro da dimensão do texto, constituem um quadro para análise textual.

A **prática social** é a última dimensão. A produção da linguagem como prática social não só reproduz as práticas sociais, mas também transforma essas práticas. Com base nisso, o discurso passa a ser visto como uma ação social com relações de ideologia e poder e é uma dimensão do evento discursivo assim como o texto (FAIRCLOUGH, 2001, p. 99).

2.2 Práticas discursivas e práticas sociais

As práticas discursivas, de acordo com Fairclough (2001), contribuem para refletir a sociedade como é, mas também transformá-la. Exemplo disso é a relação das identidades do Papa Francisco, líder espiritual da Igreja Católica, e seus fiéis, assim como o professor e aluno, eles estão em um sistema de educação, mas esse aprendizado é em relação à fé. Algumas variáveis são importantes para essas práticas, como consistência e durabilidade dos padrões de fala dentro e fora da “sala de aula”, e por isso estão sujeitas a transformações. (FAIRCLOUGH,

2001, p. 92). Enfim, a prática discursiva envolve processos de produção, distribuição e consumo textual, que variarão segundo o discurso e os fatores sociais.

Fairclough (2001), no modelo tridimensional, define o discurso como prática social, e essa prática têm várias orientações (ideológicas, cultural, política, etc.), sendo assim o discurso pode ser emoldurado por todas essas orientações, sem se reduzir a nenhuma delas. Entender o discurso como prática social significa “que os discursos são estruturados ou constituídos no seio da sociedade que eles também constituem” (FAIRCLOUGH & WODAK apud BARROS, 2008, p. 208).

2.3 Poder, Ideologia, Hegemonia

Os discursos constroem situações, conhecimentos e (re)moldam identidades e são responsáveis pelas relações entre indivíduos e seus frutos. A linguagem surgiu da necessidade do homem de se comunicar com os outros e o discurso é produto da linguagem que o homem utiliza. Como o discurso é formado a partir da necessidade de interação, ele carrega ideologias. O discurso não é inocente, tem sempre algum tipo de investimento ideológico por conta do indivíduo que o utiliza e que possui uma bagagem. Embora esses “traços ideológicos” estejam presentes nos discursos, isso nem sempre é perceptível aos olhos do leitor. Assim, podemos entender que:

As ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117)

Esse é o conceito de ideologia adotado por Fairclough (2001). Com base nos seus estudos, podemos inferir que a ideologia investe a linguagem de muitas formas. E as ideologias utilizadas nas práticas discursivas cumprem sua função plena quando elas não são percebidas, porém este não é o foco central da questão para Fairclough (2001) e para a ADC. O foco são os efeitos ideológicos dos sentidos dos textos sobre relações sociais, ações e interações, conhecimentos, crenças, atitudes, valores, identidades. Sendo assim, o discurso é um mecanismo para manter e instaurar a hegemonia.

Entretanto, não se deve pressupor que as pessoas, os sujeitos dessas relações sociais já mencionadas, saibam e tenham consciência da sua prática ideológica, mas entender que eles são completamente alheios e não tenham consciência também não é correto. Para confirmar essa afirmação, Fairclough (2001, p. 121) afirma que “os sujeitos são posicionados

ideologicamente, mas são também capazes de agir criativamente no sentido de realizar suas próprias conexões entre as diversas práticas e ideologias a que são expostos e de reestruturar as práticas e as estruturas posicionadoras”. Enfim, as práticas discursivas são investidas ideologicamente de acordo com a integralização das significações que auxiliam para manter ou reestruturar as relações existentes de poder.

Os traços ideológicos quando não perceptíveis ao leitor são marcas da hegemonia que, para a ADC, nada mais é que o poder, a liderança, a construção de alianças. Fairclough (2001, p. 122) oferece vários conceitos de hegemonia:

Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade (...) [;] é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais (...); é construção de alianças (...) mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento. Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas [variadas].

De acordo com a ADC, a ideologia é por natureza hegemônica e intrínseca, mas não é positiva. Com base nas definições de Fairclough (2001), podemos afirmar que os sentidos veiculados em textos são traços ideológicos e estão sujeitos a interesses particulares (liderança, poder, construção de alianças, dominar, subordinar), ou seja, continuar fomentando as relações de dominação e poder.

Concluída essa apresentação dos conceitos basilares da ADC, passamos ao estudo das estratégias discursivas.

3 ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS

As estratégias discursivas são usadas com alguma intencionalidade e recebem o nome desta intenção, por isso, temos estratégias discursivas persuasivas, ideológicas, de silenciamento, entre outras. Essas estratégias dizem respeito à linguagem enquanto discurso, ou seja, interação, envolvimento dos sujeitos, contexto, intertexto, condições de produção, meios de produção, público-alvo, etc. Elas são selecionadas ao bel prazer do orador ou escritor e são intrínsecas ao discurso. Cada estratégia possui uma função e sua escolha é definida justamente por sua função. Castro (2005, p. 469) assevera que as estratégias discursivas são:

(...) responsáveis pela explicitação dos papéis de enunciador/destinatário, vale dizer, a configuração do sujeito do discurso e do público a que se destina, e pela definição do tipo de mundo e de valores postos em cena, quase traduzem na pontualidade do dizer, o que implica (1) reconhecimento explícito da realidade explorada, ou seja, domínio das circunstâncias espaço-temporais;

(2) configuração do público alvo [sic], seus gostos, interesses e valores; (3) tipo de informação veiculada, o que envolve associação de repertórios diversificados, de dizeres escolhidos e de recursos verbais e visuais valorizados.

Os discursos religiosos, políticos e outros possuem um investimento principalmente de estratégias retóricas e persuasivas, pois pretendem, mais que outros discursos, persuadir e fazer com que o público-alvo seja adepto ao que ele propõe. E, para analisarmos as estratégias presentes na mensagem do Papa Francisco (2014) com maior eficácia, será necessário entender a retórica e a persuasão, pois são muito utilizadas na mensagem analisada. Levaremos em conta os itens citados acima pela Castro (2005).

Todo discurso é investido ideologicamente, mas cada um possui um grau de investimento: uns recebem mais, outros menos. E para fazer com que este discurso seja mais efetivo, muitas autoridades utilizam-se da retórica, inclusive e principalmente os padres. A dimensão retórica é peça fundamental para entender os aspectos persuasivos utilizados na linguagem e, conseqüentemente, no discurso. A arte retórica tem o poder de captar o público receptor da linguagem, por isso é tão utilizada por líderes políticos, jurídicos, filosóficos e religiosos. É a arte da argumentação, pois busca convencer o seu público de algo.

Reboul (2004, p. xiv) define a retórica como “a arte de persuadir pelo discurso”. A definição de discurso para ele na retórica é toda produção verbal, escrita ou oral, que tenha sentido e tenha começo, meio e fim. De acordo com essa definição, a retórica não é aplicável a todos os discursos, visto que nem todos têm o intuito de persuadir. Entre os discursos que normalmente são persuasivos, está o sermão, o gênero que mais se adequa à mensagem do Papa que será analisada mais adiante.

4 O PAPA FRANCISCO: O SUJEITO DO DISCURSO

O Papa é o líder espiritual da Igreja Católica Apostólica Romana e, como tal, precisa conhecer a motivação humana para saber conduzir as pessoas, isto é, para liderar. Sua função de líder o faz ter que inspirar e guiar o “seu povo” para o bem comum, ou seja, a salvação e a ida para o paraíso. Francisco (2014) também faz parte do rebanho, entretanto possui autonomia por ser ele a pessoa com poderes de tomar as grandes decisões. Os cristãos católicos acreditam que o Papa, bispo de Roma, é sucessor de São Pedro, um dos apóstolos de Jesus Cristo. De acordo com o Catecismo da Igreja Católica, o Papa é:

(...) princípio perpétuo e visível, e fundamento da unidade que liga, entre si, tanto os bispos como a multidão dos fiéis» (408)⁵. Com efeito, em virtude do seu cargo de vigário de Cristo e pastor de toda a Igreja, o pontífice romano tem sobre a mesma Igreja um poder pleno, supremo e universal, que pode sempre livremente exercer (409)⁶. (SANTA SÉ, 2013, p. 302).

Segundo o Catecismo, o papa tem poder pleno, supremo e universal. Como pastor, ele lidera e essa liderança e poder influenciam milhões de pessoas em todo o planeta. Na prática, essa liderança é vista por meio dos seus discursos e pelo seu exemplo, algo inovador e diferente do seu antecessor, Papa Emérito Bento XIV, um líder religioso sábio e intelectual, mas muito reservado.

Francisco é o 266º papa da história, o primeiro jesuíta e americano. Jorge Mario Bergoglio, 78 anos, foi eleito no dia 13 de março de 2013. É visto como um pastor e líder que procura recuperar valores essenciais presentes nos Evangelhos da Bíblia Católica. Sua personalidade simples e humilde tem feito com que ele ganhe admiradores de outras religiões e até mesmo de ateus. Essa simplicidade aparece nos discursos que se apresentam de forma mais objetiva, com várias metáforas e palavras mais usuais.

De acordo com Rodrigues (2014), pesquisadora da liderança e da influência do Papa Francisco, o Sumo Pontífice utiliza discurso simples, fácil e claro, que consegue atingir o público, de forma que a mensagem é recebida com muita facilidade.

Com o Papa Francisco, não encontramos uma linguagem formal ou corporativa. Ele diz o que pensa sem rodeios ou contenção. Não quer dizer que seja sempre assim, dependendo das situações, mas quando o assunto remete diretamente às pessoas fragilizadas, como quando fala sobre a homossexualidade, as mulheres ou o papel da Igreja no mundo, Bergoglio diz o que pensa e todos compreendem a sua mensagem, dos mais letrados aos iletrados. (RODRIGUES, 2014, acesso em 20 maio 2015)

A análise, com base na ADC, da mensagem escolhida será apresentada adiante e veremos se tal afirmação é confirmada ou refutada.

4.1 Quaresma

O ano litúrgico cristão é dividido em tempo comum, advento, natal, quaresma e páscoa – em todos eles, destacam-se festas e celebrações litúrgicas. A quaresma é o momento de 40

⁵ 408 - II Concílio do Vaticano, Constituição dogmática *Lumen Gentium*, 23: AAS 57 (1965) 27.

⁶ 409 - II Concílio do Vaticano, Constituição dogmática *Lumen Gentium*, 22: AAS 57 (1965) 26: ID. Decr. *Christus Dominus*, 2: AAS 58 (1966) 673; *Ibid*, 9: AAS 58 (1966) 676.

dias marcado pela espera, por parte dos cristãos, do sofrimento, crucificação, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

O número 40 possui uma carga de significados relevantes para a tradição judaico-cristã. Segundo a Bíblia, o povo hebreu passou 40 anos caminhando pelo deserto em busca da Terra Prometida, alimentados pelo maná providenciado por Deus. O profeta Moisés passou 40 dias no monte Sinai até encontrar as Tábuas da Lei, enviadas por Deus com os dez mandamentos utilizados ainda hoje pela Lei da Igreja. Jesus passou 40 dias e 40 noites no deserto em jejum antes de sua vida pública, quando foi tentado pelo demônio, segundo a passagem “Então Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo. Depois de ter jejuado quarenta dias e quarenta noites, acabou sentindo fome” (Mt 4, 1-2). Como podemos verificar por esses exemplos, o número 40 tem uma conotação de preparação, espera e purificação.

Assim, o tempo da quaresma é vivido pelos cristãos como forma de solidariedade com seu senhor, Jesus Cristo. Diz o Catecismo da Igreja Católica (2013), no parágrafo 540, que:

É por isso que Cristo venceu o tentador por nós: “Pois não temos um sumo sacerdote incapaz de compadecer-se de nossas fraquezas, pois Ele mesmo foi provado em tudo como nós, com exceção do pecado” (Hb 4,15). A Igreja se une a cada ano, mediante os quarenta dias da Grande Quaresma, ao mistério de Jesus no deserto. (SANTA SÉ, 2013, p. 185)

No parágrafo 1434, o Catecismo (2013) diz que “a penitência interior do cristão pode ter expressões bem variadas. A escritura e os padres insistem principalmente em três formas – o jejum, a oração e a esmola – que exprimem a conversão com relação a si mesmo, a Deus e aos outros (SANTA SÉ, 2013, p. 471).

É importante destacar que a quaresma não tem sentido sem a páscoa. Esse tempo litúrgico tende a unir os cristãos ao sofrimento de Jesus, para que sejam unidos também à sua ressurreição, ou seja, conquistem a salvação e o ingresso no paraíso. Com base na fundamentação teórica, no que a figura do Papa Francisco representa e no que a quaresma é para os cristãos, analisaremos a mensagem escrita pelo Sumo Pontífice destinada aos cristãos para usarem neste período litúrgico.

4.3 Análise da mensagem do Papa Francisco

Todos os anos, é costumeiro que o papa vigente escreva uma mensagem específica para os cristãos com o intuito de exortá-los e auxiliá-los a viverem o tempo quaresmal. Há mensagens do Papa Paulo VI do ano de 1973. Francisco (2014), com o objetivo de alcançar os seus fiéis e exortá-los, utiliza algumas estratégias discursivas. Ele subdivide sua mensagem em

três textos, a saber: introdução à mensagem; a Igreja; as paróquias e as comunidades; cada um dos fiéis. Por questões didáticas, nossa análise será subdividida em estratégias.

4.3.1 A mensagem

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA A QUARESMA DE 2015

Fortalecei os vossos corações (Tg 5, 8)

Amados irmãos e irmãs,

Tempo de renovação para a Igreja, para as comunidades e para cada um dos fiéis, a Quaresma é sobretudo um «tempo favorável» de graça (cf. 2 Cor 6, 2). Deus nada nos pede, que antes não no-lo tenha dado: «Nós amamos, porque Ele nos amou primeiro» (1 Jo 4, 19). Ele não nos olha com indiferença; pelo contrário, tem a peito cada um de nós, conhece-nos pelo nome, cuida de nós e vai à nossa procura, quando O deixamos. Interessa-Se por cada um de nós; o seu amor impede-Lhe de ficar indiferente perante aquilo que nos acontece. Coisa diversa se passa conosco [sic]! Quando estamos bem e comodamente instalados, esquecemo-nos certamente dos outros (isto, Deus Pai nunca o faz!), não nos interessam os seus problemas, nem as tribulações e injustiças que sofrem; e, assim, o nosso coração cai na indiferença: encontrando-me relativamente bem e confortável, esqueço-me dos que não estão bem! Hoje, esta atitude egoísta de indiferença atingiu uma dimensão mundial tal que podemos falar de uma globalização da indiferença. Trata-se de um mal-estar que temos obrigação, como cristãos, de enfrentar.

Quando o povo de Deus se converte ao seu amor, encontra resposta para as questões que a história continuamente nos coloca. E um dos desafios mais urgentes, sobre o qual me quero deter nesta Mensagem, é o da globalização da indiferença.

Dado que a indiferença para com o próximo e para com Deus é uma tentação real também para nós, cristãos, temos necessidade de ouvir, em cada Quaresma, o brado dos profetas que levantam a voz para nos despertar.

A Deus não Lhe é indiferente o mundo, mas ama-o até ao ponto de entregar o seu Filho pela salvação de todo o homem. Na encarnação, na vida terrena, na morte e ressurreição do Filho de Deus, abre-se definitivamente a porta entre Deus e o homem, entre o Céu e a terra. E a Igreja é como a mão que mantém aberta esta porta, por meio da proclamação da Palavra, da celebração dos Sacramentos, do testemunho da fé que se torna eficaz pelo amor (cf. Gl 5, 6). O mundo, porém, tende a fechar-se em si mesmo e a fechar a referida porta através da qual Deus entra no mundo e o mundo n'Ele. Sendo assim, a mão, que é a Igreja, não deve jamais surpreender-se, se se vir rejeitada, esmagada e ferida.

Por isso, o povo de Deus tem necessidade de renovação, para não cair na indiferença nem se fechar em si mesmo. Tendo em vista esta renovação, gostaria de vos propor três textos para a vossa meditação.

1. «Se um membro sofre, com ele sofrem todos os membros» (1 Cor 12, 26): A Igreja.

Com o seu ensinamento e sobretudo com o seu testemunho, a Igreja oferece-nos o amor de Deus, que rompe esta reclusão mortal em nós mesmos que é a indiferença. Mas, só se pode testemunhar algo que antes experimentámos. O cristão é aquele que permite a Deus revesti-lo da sua bondade e misericórdia, revesti-lo de Cristo para se tornar, como Ele, servo de Deus e dos homens. Bem no-lo recorda a liturgia de Quinta-feira Santa com o rito do lava-pés. Pedro não queria que Jesus lhe lavasse os pés, mas depois compreendeu que Jesus não pretendia apenas exemplificar como devemos lavar os pés uns aos outros; este serviço, só o pode fazer quem, primeiro, se deixou lavar os pés por Cristo. Só essa pessoa «tem a haver com Ele» (cf. Jo 13, 8), podendo assim servir o homem.

A Quaresma é um tempo propício para nos deixarmos servir por Cristo e, deste modo, tornarmo-nos como Ele. Verifica-se isto quando ouvimos a Palavra de Deus e recebemos os sacramentos, nomeadamente a Eucaristia. Nesta, tornamo-nos naquilo que recebemos: o corpo de Cristo. Neste corpo, não encontra lugar a tal indiferença que, com tanta frequência, parece apoderar-se dos nossos corações; porque, quem é de Cristo, pertence a um único corpo e, n'Ele, um não olha com indiferença o outro. «Assim, se um membro sofre, com ele sofrem todos os membros; se um membro é honrado, todos os membros participam da sua alegria» (1 Cor 12, 26).

A Igreja é *communio sanctorum*, não só porque, nela, tomam parte os Santos mas também porque é comunhão de coisas santas: o amor de Deus, que nos foi revelado em Cristo, e todos os seus dons; e, entre estes, há que incluir também a resposta de quantos se deixam alcançar por tal amor. Nesta comunhão dos Santos e nesta participação nas coisas santas, aquilo que cada um possui, não o reserva só para si, mas tudo é para todos. E, dado que estamos interligados em Deus, podemos fazer algo mesmo pelos que estão longe, por aqueles que não poderíamos jamais, com as nossas simples forças, alcançar: rezamos com eles e por eles a Deus, para que todos nos abramos à sua obra de salvação.

2. «Onde está o teu irmão?» (Gn 4, 9): As paróquias e as comunidades

Tudo o que se disse a propósito da Igreja universal é necessário agora traduzi-lo na vida das paróquias e comunidades. Nestas realidades eclesiais, consegue-se porventura experimentar que fazemos parte de um único corpo? Um corpo que, simultaneamente, recebe e partilha aquilo que Deus nos quer dar? Um corpo que conhece e cuida dos seus membros mais frágeis, pobres e pequeninos? Ou refugiamo-nos num amor universal pronto a comprometer-se lá longe no mundo, mas que esquece o Lázaro sentado à sua porta fechada (cf. *Lc* 16, 19-31)?

Para receber e fazer frutificar plenamente aquilo que Deus nos dá, deve-se ultrapassar as fronteiras da Igreja visível em duas direcções [sic].

Em primeiro lugar, unindo-nos à Igreja do Céu na oração. Quando a Igreja terrena reza, instaura-se reciprocamente uma comunhão de serviços e bens que chega até à presença de Deus. Juntamente com os Santos, que encontraram a sua plenitude em Deus, fazemos parte daquela comunhão onde a indiferença é vencida pelo amor. A Igreja do Céu não é triunfante, porque deixou para trás as tribulações do mundo e usufrui sozinha do gozo eterno; antes pelo contrário, pois aos Santos é concedido já contemplar e rejubilar com o facto [sic] de terem vencido definitivamente a indiferença, a dureza de coração e o ódio, graças à morte e ressurreição de Jesus. E, enquanto esta vitória do amor não impregnar todo o mundo, os Santos caminham connosco [sic], que ainda somos peregrinos. Convicta de que a alegria no Céu pela vitória do amor crucificado não é plena enquanto houver, na terra, um só homem que sofra e gema, escrevia Santa Teresa de Lisieux, doutora da Igreja: «Muito espero não ficar inactiva [sic] no Céu; o meu desejo é continuar a trabalhar pela Igreja e pelas almas» (*Carta* 254, de 14 de Julho de 1897).

Também nós participamos dos méritos e da alegria dos Santos e eles tomam parte na nossa luta e no nosso desejo de paz e reconciliação. Para nós, a sua alegria pela vitória de Cristo ressuscitado é origem de força para superar tantas formas de indiferença e dureza de coração.

Em segundo lugar, cada comunidade cristã é chamada a atravessar o limiar que a põe em relação com a sociedade circundante, com os pobres e com os incrédulos. A Igreja é, por sua natureza, missionária, não fechada em si mesma, mas enviada a todos os homens.

Esta missão é o paciente testemunho d'Aquele que quer conduzir ao Pai toda a realidade e todo o homem. A missão é aquilo que o amor não pode calar. A Igreja segue Jesus Cristo pela estrada que a conduz a cada homem, até aos confins da terra (cf. *Act* [sic] 1, 8). Assim podemos ver, no nosso próximo, o irmão e a irmã pelos quais Cristo morreu e ressuscitou. Tudo aquilo que recebemos, recebemo-lo também para eles. E, vice-versa, tudo o que estes irmãos possuem é um dom para a Igreja e para a humanidade inteira.

Amados irmãos e irmãs, como desejo que os lugares onde a Igreja se manifesta, particularmente as nossas paróquias e as nossas comunidades, se tornem ilhas de misericórdia no meio do mar da indiferença!

3. «*Fortalecei os vossos corações*» (*Tg* 5, 8): Cada um dos fiéis

Também como indivíduos temos a tentação da indiferença. Estamos saturados de notícias e imagens impressionantes que nos relatam o sofrimento humano, sentindo ao mesmo tempo toda a nossa incapacidade de intervir. Que fazer para não nos deixarmos absorver por esta espiral de terror e impotência?

Em primeiro lugar, podemos rezar na comunhão da Igreja terrena e celeste. Não subestimemos a força da oração de muitos! A iniciativa *24 horas para o Senhor*, que espero se celebre em toda a Igreja – mesmo a nível diocesano – nos dias 13 e 14 de Março, pretende dar expressão a esta necessidade da oração.

Em segundo lugar, podemos levar ajuda, com gestos de caridade, tanto a quem vive próximo de nós como a quem está longe, graças aos inúmeros organismos caritativos da Igreja. A Quaresma é um tempo propício para mostrar este interesse pelo outro, através de um sinal – mesmo pequeno, mas concreto – da nossa participação na humanidade que temos em comum.

E, em terceiro lugar, o sofrimento do próximo constitui um apelo à conversão, porque a necessidade do irmão recorda-me a fragilidade da minha vida, a minha dependência de Deus e dos irmãos. Se humildemente pedirmos a graça de Deus e aceitarmos os limites das nossas possibilidades, então confiaremos nas possibilidades infinitas que tem de reserva o amor de Deus. E poderemos resistir à tentação diabólica que nos leva a crer que podemos salvar-nos e salvar o mundo sozinhos.

Para superar a indiferença e as nossas pretensões de onipotência, gostaria de pedir a todos para viverem este tempo de Quaresma como um percurso de formação do coração, a que nos convidava Bento XVI (*Carta enc. Deus caritas est*, 31). Ter um coração misericordioso não significa ter um coração débil. Quem quer ser misericordioso precisa de um coração forte, firme, fechado ao tentador mas aberto a Deus; um coração que se deixe impregnar pelo Espírito e levar pelos caminhos do amor que conduzem aos irmãos e irmãs; no fundo, um coração pobre, isto é, que conhece as suas limitações e se gasta pelo outro.

Por isso, amados irmãos e irmãs, nesta Quaresma desejo rezar convosco a Cristo: «*Fac cor nostrum secundum cor tuum* – Fazei o nosso coração semelhante ao vosso» (Súplica das Ladainhas ao Sagrado Coração de Jesus). Teremos assim um coração forte e misericordioso, vigilante e generoso, que não se deixa fechar em si mesmo nem cai na vertigem da globalização da indiferença.

Com estes votos, asseguro a minha oração por cada crente e cada comunidade eclesial para que percorram, frutuosa e plenamente, o itinerário quaresmal, enquanto, por minha vez, vos peço que rezeis por mim. Que o Senhor vos abençoe e Nossa Senhora vos guarde!

Vaticano, Festa de São Francisco de Assis, 4 de Outubro de 2014.

Francisco

4.3.2 Estratégias Persuasivas

As estratégias persuasivas são fruto da retórica do Pontífice. Elas possuem a função de convencer o leitor a algo. Francisco (2014) inicia seu discurso fazendo com que o leitor sintase amado e o chama de irmão.

(1) *Amados irmãos e irmãs (...)*

Nesse vocativo, percebemos a presença de estratégia retórica do autor para atrair o público. Esse vocativo é utilizado três vezes ao longo do texto e, em todas elas, tem o objetivo de fazer com que o leitor se sinta próximo. O Papa faz uma avaliação afetiva quando utiliza o adjetivo “amados” e os substantivos “irmãos e irmãs”: os dois fazem parte do processo mental afetivo. Halliday (1985, p. 106) afirma que essas avaliações afetivas envolvem eventos psicológicos, como a reflexão e a percepção. Francisco (2014) faz os católicos crerem que são amados e íntimos. O intuito final dessa intimidade e aproximação gerada pelo Papa com seu leitor é que o público-alvo perceba o problema que ele revelará e sinta a necessidade de mudar, pois é comum que amigos, irmãos, familiares se corrijam. E essa familiaridade faz com que o leitor seja preparado para essa correção. Em seguida, temos mais dois exemplos de uso de estratégia persuasiva:

(2) Tempo de renovação para a Igreja, para as comunidades e para cada um dos fiéis, *a Quaresma é sobretudo um «tempo favorável»* de graça (cf. 2 Cor 6, 2).

(3) Deus nada nos pede, que antes não no-lo tenha dado: «Nós amamos, porque Ele nos amou primeiro» (1 Jo 4, 19). (...)

O Sumo Pontífice afirma, em (2), que o tempo para o qual a mensagem se destina, a quaresma, é um “tempo favorável” e mais propício para alcançar o que ele, representando a figura de Pedro e enviado por Deus, deseja aos fiéis. Para convencer o receptor de que o que ele propõe é acessível, utiliza a intertextualidade, citando versículos da Bíblia para convencer os cristãos a fazerem o que ele pedirá. Constatamos isso nos fragmentos (2) e (3) e ao longo de toda a mensagem. Ao citar os versículos da Bíblia, livro sagrado para os cristãos, ele incita o povo a reconhecer o que ele diz como verdadeiro, porque Deus e sua palavra são verdadeiros. O trecho (3) incentiva o cristão a acreditar que é possível fazer o que Deus pede, pois antes Ele

já o fez. O versículo bíblico ajuda na reflexão proposta pelo Papa, e vai formando o cristão a fazer o que ele pedirá. Em seguida,

- (4) Ele não nos olha com indiferença; pelo contrário, tem a peito cada um de nós, conhece-nos pelo nome, cuida de nós e vai à nossa procura, quando O deixamos. *Interessa-Se por cada um de nós; o seu amor impede-Lhe de ficar indiferente perante aquilo que nos acontece. Coisa diversa se passa connosco!* [sic]

No trecho (4), o Papa persuade o fiel a servir pelo amor de Deus. Menciona que este Senhor Onipotente conhece a cada um de forma especial e não julga, e porque Ele amou a humanidade (3), nós também somos capazes de amar. Essa introdução serve para persuadir o leitor sobre o problema da indiferença (5).

- (5) *Quando estamos bem e comodamente instalados, esquecemo-nos certamente dos outros* (isto, Deus Pai nunca o faz!) (...) *o nosso coração cai na indiferença* (...)

Vários são os versículos bíblicos citados, e todos, cada qual a sua maneira, remetem à veracidade do que o Papa diz e persuadem o leitor. Todos os trechos da Bíblia ou textos citados têm por finalidade persuadir. São eles:

- (6) Tempo favorável (cf. 2 Cor 6,2)⁷
(7) Nós amamos, porque Ele nos amou primeiro (1 Jo 4, 19)
(8) E a Igreja é como a mão que mantém aberta esta porta, por meio da proclamação da Palavra, da celebração dos Sacramentos, do testemunho da fé que se torna eficaz pelo amor (cf. Gl 5, 6)
(9) Se um membro sofre, com ele sofrem todos os membros (1 Cor 12, 26)
(10) Tem a haver com Ele (cf. Jo 13, 8)
(11) Onde está o seu irmão? (Gn 4, 9)
(12) Ou refugiamo-nos num amor universal pronto a comprometer-se lá longe no mundo, mas que esquece o Lázaro sentado à sua porta fechada (cf. Lc 19, 19-31)
(13) A Igreja segue Jesus Cristo pela estrada que a conduz a cada homem, até aos confins da terra (cf. Act [sic] 1, 8)
(14) Fortalecei os vossos corações (Tg 5, 8)

O versículo (9) faz parte do título dos textos propostos pelo Papa para meditação, assim como o (11) e (14). São eles que norteiam os textos que seguem. A presença desses versículos na mensagem traz à tona as discussões de Bakhtin (1997), que diz respeito à “propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos” (BAKHTIN apud FAIRCLOUGH, 2001, p. 114). Tal recurso de constituir essa “voz particular” e específica em detrimento de

⁷ Os fragmentos (6) e (7) já foram analisados e, por isso, não serão aqui retomados.

outras sinaliza o posicionamento do texto em lutas hegemônicas. Somado ao versículo, cada título é direcionado a alguém: à Igreja, às paróquias e comunidades, e a cada um dos fiéis.

O versículo (9) norteia o primeiro texto e convence o leitor da necessidade do serviço, pois existem pessoas que precisam de auxílio, mas toma como base o trecho (3). A doutrina católica ensina a analogia de que a Igreja é o corpo, Cristo é a cabeça, e os católicos são os membros desse corpo, ou seja, se um membro está ferido, todo o corpo sente. Tudo isso para convencer o cristão a servir o outro.

Com base na finalidade do serviço e para persuadir o cristão a fazê-lo, o Sumo Pontífice relembra o lava-pés⁸. Esse rito está presente na Bíblia, mas ele presume que o público-alvo já saiba dele, e o utiliza com o intuito dos cristãos visualizarem que o Deus que eles querem imitar e servir enviou o seu filho para servir os homens e não para ser servido. Adiante,

(15) A Deus não Lhe é indiferente o mundo, mas ama-o até o ponto de entregar o seu Filho pela salvação de todo o homem.

O versículo (10) entra nesse contexto de serviço. De acordo com o rito do lava-pés na Bíblia, Pedro, discípulo de Jesus, na última ceia, não queria que o seu mestre o lavasse, no entanto esse ritual representa o serviço de Cristo por todos e como ele devemos servir uns aos outros. O “haver” do versículo é esse serviço.

Com base na mensagem, à medida que os cristãos se deixam servir por Cristo, tornam-se, pela Palavra de Deus e pelo sacramento da Eucaristia, o próprio corpo de Jesus Cristo. Deus não falha, não é egoísta, não é indiferente com o outro, e se os cristãos querem servir a Cristo precisam ser parecidos com ele. A Igreja foi deixada por Jesus Cristo para o seu povo com o intuito de ensinar e perpetuar os seus ensinamentos por ele deixado, como se pode ver a seguir:

(16) (...) tornamo-nos naquilo que recebemos: o corpo de Cristo. Neste corpo, não encontra lugar a tal indiferença (...) porque quem é de Cristo, pertence a um único corpo e, n’Ele, um não olha com indiferença o outro.

De acordo com o texto analisado, Cristo é perfeito, e se almejamos ser perfeitos, precisamos seguir seus mandamentos e o que ele prega. De acordo com Francisco (2014), a Igreja é a comunhão dos santos, portadora de tudo que é santo e sagrado, e tudo isso é para todos.

⁸ O lava-pés é um ritual da Liturgia Católica, celebrada na quinta-feira santa, em que o celebrante, investido na Pessoa de Cristo (*in persona Christi*), lava os pés de 12 pessoas, simbolizando os doze discípulos presentes na Santa Ceia.

(17) E, dado que estamos interligados em Deus, podemos fazer algo mesmo pelos que estão longe, por aqueles que não poderíamos jamais, com as nossas simples forças, alcançar: rezamos com eles e por eles a Deus, para que todos nos abramos à sua obra de salvação.

Os cristãos, em (17), são incentivados a ajudar, pois eles fazem parte do Corpo da Igreja e podem ajudar os indivíduos à margem, com suas orações – e se assim o fizerem, são introduzidos na obra de salvação proposta pela Igreja e por Cristo. Em (17), percebemos a presença da hegemonia, é Deus quem possui o poder para mudar algo, mas é necessário rezar para ajudar os outros e a si.

O foco da persuasão agora é outro e ele utiliza perguntas (18), (19) e (20) para fazer as pessoas refletirem e cheguem aonde ele deseja: na solução do problema exposto.

(18) Nestas realidades eclesiais, consegue-se porventura experimentar que fazemos parte de um único corpo?

(19) Um corpo que, simultaneamente, recebe e partilha aquilo que Deus nos quer dar?

(20) Um corpo que conhece e cuida dos seus membros mais frágeis, pobres e pequeninos?

Francisco (2014) questiona o público, enfatizando a necessidade já exposta da Igreja como Corpo de Cristo de testemunhar e traduzir em atos os seus discursos. Ele incita o cristão a agir, em especial os líderes (diáconos, padres e bispos) à frente das paróquias. Questiona se eles estão cuidando dos membros frágeis e debilitados deste corpo ou estão se abstendo deste dever.

O versículo (12) resume todas as questões anteriores e conduz o leitor a uma linha de pensamento, a do serviço. Ao trazer a figura de Lázaro ao seu discurso, o Papa utiliza duas estratégias, a primeira de silenciamento que acarreta na segunda, de persuasão. A parábola do rico e do Lázaro, presente no evangelho de Lucas, é um relato da vida de um homem rico e de Lázaro, um mendigo. O homem rico possuía muitos bens, mas não ajudava Lázaro, que vivia na sua porta. Em determinado momento, ambos morrem, mas seguem caminhos diferentes. Lázaro é levado para o céu pelos anjos e o rico, que nem nome possui, vai para o inferno.

O Papa, ao trazer a figura desses personagens, não diz que os cristãos que não servem ou não se doam, vão para o inferno, mas isso fica implícito. De acordo com a parábola, o que levou o rico às trevas foi o seu egoísmo, logo os cristãos presumem e são convencidos de que devem ser caridosos e atentos às necessidades do outro. Agindo desta forma, o fiel presume que não irá para o inferno.

Na parábola, é Deus quem dá os bens, seja na vida ou na morte. E isso leva a outra pressuposição, pois, se a alguns ele dá os bens na terra e a outros na morte, se você dá, em vida, àqueles que não têm, o que Deus reservou a eles no céu também será partilhado com você. Pressupõe-se isso por conta do trecho (21) “Tudo aquilo que recebemos, recebemo-lo também

para eles. E, vice-versa, tudo o que estes irmãos possuem é um dom para a Igreja e para a humanidade inteira.”

Baseado nisso, o Sumo Pontífice afirma que, para receber e frutificar esses bens, os fiéis precisam ultrapassar duas fronteiras da Igreja visível⁹: a oração e a missão da Igreja em ir ao encontro do outro.

(22) Quando a Igreja terrena reza, instaura-se reciprocamente uma comunhão de serviços e bens que chega até à presença de Deus.

(23) (...) aos Santos é concedido já contemplar e rejubilar com o facto [sic] de terem vencido definitivamente a indiferença, a dureza de coração e o ódio, graças à morte e ressurreição de Jesus. E, enquanto esta vitória do amor não impregnar todo o mundo, os Santos caminham connosco [sic], que ainda somos peregrinos. Convicta de que a alegria no Céu pela vitória do amor crucificado não é plena enquanto houver, na terra, um só homem que sofra e gema, escrevia Santa Teresa de Lisieux, doutora da Igreja: «Muito espero não ficar inactiva [sic] no Céu; o meu desejo é continuar a trabalhar pela Igreja e pelas almas» (*Carta 254*, de 14 de Julho de 1897).

Uma solução para não ser indiferente e egoísta é rezar, para isso Francisco (2014) tenta mostrar, nos trechos (22) e (23), o motivo e a beleza da oração e, fazendo isso, o cristão une a Igreja terrena à Igreja do Céu. Ele leva os cristãos a crerem que é necessário se unir à Igreja Celeste de forma plena, para isso é preciso rezar, pois os membros do céu (santos, anjos e Deus) podem ajudar os fiéis na Terra por meio da oração. Esse auxílio é referente ao problema mencionado pelo Papa: os cristãos precisam ser menos indiferentes.

Para convencer o cristão do auxílio da Igreja celeste sobre a terrena, no trecho (23), o Papa Francisco (2014) insere à sua mensagem um fragmento de um texto da Santa Teresa de Lisieux, mais conhecida como Santa Teresinha do Menino Jesus e da Sagrada Face, em que ela menciona a vontade de lá no céu continuar a interceder pelos cristãos da terra. Ao inserir esse texto ele utiliza novamente da intertextualidade, todavia não é mais um versículo bíblico. No entanto, continua sendo um texto de relevância por ser de uma das doutoras da Igreja.

Na segunda fronteira, o instinto missionário é o objetivo a ser alcançado, mas para que isto ocorra, (24) “cada comunidade é chamada a atravessar o limiar que a põe em relação a sociedade circundante, com os pobres e incrédulos”. O termo “chamada” soa como convite, mas retoma a figura do Lázaro, e dizer não para este convite implica consequências. Para enfatizar e estimular os cristãos a saírem em missão, o Papa utiliza uma estratégia persuasiva, convencendo o fiel de que a (25) “Igreja é (...) missionária, não fechada em si mesma, mas

⁹ O mesmo que Igreja terrena, visível aos olhos.

enviada a todos os homens”, ou seja, o católico, sendo parte da Igreja, necessita ir ao encontro do outro.

O penúltimo versículo utilizado (13) sintetiza o desejo missionário do Papa Francisco (2014). A Igreja, instituição e seus fiéis, por causa de Cristo, percorre todos os lugares em busca dos seus irmãos à margem, pois foi também por eles que Jesus morreu e ressuscitou. O último versículo (14) faz parte do título do último texto. Neste discurso, o Papa, ciente de que conscientizou e passou a mensagem do servir para o seu povo, dedica-se a solucionar possíveis conflitos e dúvidas. Dá dicas para que eles sejam menos atacados pela “globalização da indiferença”:

(26) Que fazer para não nos deixarmos absorver por esta espiral de terror e impotência?

Para evitar a “tentação da indiferença”, o Papa elenca três formas:

1) A oração na comunhão da Igreja terrena e celeste. E sobre a oração ele faz um alerta: (27) “não subestimemos a força da oração de muitos!”. Ele utiliza seis vezes o ponto de exclamação, e seu uso dá a sensação de uma voz dentro do texto. O uso desse recurso foge um pouco do padrão de persuadir com perguntas e afirmações. Esse trecho parece ser uma ordem, mas, ao mesmo tempo, soa como um alerta, pois ele utiliza o verbo na primeira pessoa do plural para se incluir, na tentativa de omitir ou amenizar sua imposição.

2) O ato concreto do serviço. Segundo Francisco (2014), esse ato pode ser feito de várias formas, mas ele apenas cita as da Igreja, omitindo e silenciando os outros meios de caridade possíveis para o seu povo, como faz em:

(28) “(...) podemos levar ajuda, com gestos de caridade, tanto a quem vive próximo de nós como a quem está longe, graças aos inúmeros organismos caritativos da Igreja. A Quaresma é um tempo propício para mostrar este interesse pelo outro, através de um sinal – mesmo que pequeno, mas concreto – da nossa participação na humanidade que temos em comum”

No trecho (28), ele enfatiza e retoma a ideia de que o tempo da mensagem é propício para esse ato concreto do serviço e da caridade.

3) Em (29) “(...) o sofrimento do próximo constitui um apelo à conversão, porque a necessidade do irmão recorda-me a fragilidade da minha vida, a minha dependência de Deus e dos irmãos”, o Pontífice mostra a conversão, que se dá através desse ato concreto. O recurso da modalidade deôntica faz o leitor concluir que precisa desse ato concreto e que isso lhe fará bem, pois o resultado dessa conversão é a garantia da sua pertença na Igreja celeste.

4.3.4. Estratégias Ideológicas

As estratégias ideológicas são utilizadas para manter relações de dominações e subordinações. Fica explícito no texto o poder dos membros do Céu sobre os fiéis terrenos, e esse poder faz o fiel construir um pensamento que mantém essa relação de poder que Deus, os membros do Céu e a Igreja possuem sobre os cristãos terrenos. Constatamos isso em vários trechos:

(30) Ele [Deus] não nos olha com indiferença; pelo contrário, tem a peito cada um de nós, conhece-nos pelo nome, cuida de nós e vai à nossa procura, quando O deixamos. Interessa-Se por cada um de nós; o seu amor impede-Lhe de ficar indiferente perante aquilo que nos acontece. Coisa diversa se passa connosco! [sic]

(31) Quando estamos bem e comodamente instalados, esquecemo-nos certamente dos outros (isto, Deus Pai nunca o faz!), não nos interessam os seus problemas, nem as tribulações e injustiças que sofrem; e, assim, o nosso coração cai na indiferença: encontrando-me relativamente bem e confortável, esqueço-me dos que não estão bem!

(32) (...) temos [os cristãos] necessidade de ouvir, em cada Quaresma, o brado dos profetas que levantam a voz para nos despertar.

(33) A Igreja é como a mão que mantém esta porta aberta (...)

(34) O povo de Deus tem necessidade de renovação (...)

(35) Com o seu ensinamento e sobretudo com o seu testemunho, a Igreja oferece-nos o amor de Deus, que rompe esta reclusão mortal em nós mesmos que é a indiferença.

(36) (...) enquanto esta vitória do amor não impregnar todo o mundo, os Santos caminham connosco, [sic] que ainda somos peregrinos.

(37) Se humildemente pedirmos a graça de Deus e aceitarmos os limites das nossas possibilidades, então confiaremos nas possibilidades infinitas que tem de reserva o amor de Deus. E poderemos resistir à tentação diabólica que nos leva a crer que podemos salvar-nos e salvar o mundo sozinhos.

A estratégia ideológica é um recurso para que a persuasão ocorra. Nos trechos (30) e (31) já analisados, percebemos a hegemonia de um Deus sobre seus fiéis. De acordo com esses fragmentos, Deus é amoroso, caridoso, humilde, atencioso, ou seja, perfeito; em contrapartida, os cristãos não são perfeitos e quando estão bem esquecem dos outros irmãos.

O Sumo Pontífice tenta persuadir o fiel a servir pelo amor a Deus, e como já mencionado afirma que este Senhor Onipotente conhece a cada um e por isso não julga, e porque Ele amou a humanidade, somos capazes de amar. De acordo com a afirmação de Francisco (2014), Deus é amor, e os cristãos, seus filhos, não estão amando, pois, o conceito de amor dos católicos é doação, serviço, entretanto eles se esquecem do outro à medida que estão bem e confortáveis.

A expressão “temos necessidade”, no fragmento (32), é uma modalidade deôntica, é necessário ouvir os profetas para sermos despertados. Além disso, os verbos são conjugados, em sua maioria, na primeira pessoa do plural e a persuasão se dá também nessa aproximação que passa o pronome “nós”. Segundo Fairclough (2001, p. 124) “o pronome inclusivo nós (...) implica tentativa de falar para as pessoas comuns (...)” e em vários trechos o Sumo Pontífice utiliza-se desse recurso para atingir as pessoas mais simples. É necessário ouvir aqueles que

detêm o conhecimento e possuem poder para despertar. O cristão precisa do profeta para ser despertado.

No trecho (35), há uma construção da realidade: segundo o Sumo Pontífice, é a Igreja que leva Deus para o cristão por meio do seu testemunho e ensinamento. Não fica explícito que esse é um meio ou um caminho a ser seguido e sim o modo pelo qual o cristão encontrará o amor de Deus. Mas por que o cristão precisa encontrar o amor de Deus? De acordo com o Papa Francisco (2014), os cristãos possuem um problema, a indiferença. O Papa constata este problema nos fiéis e propõe uma solução presente no trecho (34): é necessário o auxílio da Igreja para que o cristão experimente o amor que a Igreja ensina e dá testemunho.

O trecho (36) se assemelha ao (23) que já foi analisado, e deixa explícito o poder dos membros do Céu sobre os fiéis terrenos. Além dessa relação de poder instaurada, no trecho (37), o cristão precisa da Igreja para ser salvo, e se quer se salvar sozinho (fazer esse ato concreto sem a Igreja) é porque foi persuadido pelo demônio. O demônio e a Igreja caminham em direções opostas, logo para ser salvo, o cristão depende da Igreja. A modalidade deôntica mostra a necessidade do cristão em se reconhecer fraco, humilde e solicitar a graça de Deus para ser melhor, amar e superar “pretensões de onipotência”.

Para reafirmá-lo, Francisco (2014) usa da intertextualidade novamente. Cita uma carta encíclica do Papa Bento XVI para afirmar ao cristão o que foi citado no título do texto três (14). Ele pede aos fiéis que tenham um coração fortalecido, misericordioso e (38) “pobre (...) que conhece as suas limitações e se gasta pelo outro”. Esse pedido mantém a relação de poder da Igreja e de Cristo sobre o cristão.

O Papa Francisco (2014) conclui sua mensagem expressando seu sentimento de rezar com os cristãos a Cristo, solicitando a Deus um coração forte, para evitar a “globalização da indiferença”.

(39) (...) asseguro a minha oração por cada crente e cada comunidade eclesial para que percorram, frutuosa e itinerário quaresmal, enquanto, por minha vez, vos peço que rezeis por mim.

Neste trecho, Francisco (2014) não parece mais fazer parte da cúpula da Igreja e sim dos membros, ao mesmo tempo que possui poder para dar uma bênção. (40) “Que o Senhor vos abençoe e Nossa Senhora vos guarde!”

4.3.3. Estratégia Metáforica

A estratégia metafórica é utilizada para fazer com que o leitor compreenda o abstrato de forma concreta. Francisco (2014) utiliza-se das metáforas como forma de persuadir e convencer. Reboul (2004, p. 188) afirma que a metáfora é mais convincente que a analogia por ser redutora, ou seja, mais objetiva.

(41) Hoje, esta atitude egoísta de indiferença atingiu uma dimensão mundial tal que podemos falar de uma *globalização da indiferença*. Trata-se de um mal-estar que temos obrigação, como cristãos, de enfrentar.

Retomando a ideia de “egoísmo”, a metáfora “globalização da indiferença” é utilizada para alertar os fiéis da gravidade desse problema. Ela é utilizada três vezes ao longo da mensagem. Segundo os estudos de Fairclough (2001, p. 241), a metáfora realça certos aspectos do que se representa. Francisco (2014), ao selecionar a metáfora “globalização da indiferença”, compreende sua realidade e a identifica de maneira particular para o fim almejado. Com base nessa percepção, persuade os cristãos a enfrentar este obstáculo, que é o egoísmo, esse é o foco e o objetivo da mensagem.

Conforme a doutrina católica, com a encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo, filho de Deus, abriu-se a ligação entre o divino e o humano. Francisco (2014) afirma que com a trajetória de Jesus Cristo em (42) “abre-se definitivamente a *porta* entre Deus e o homem, entre o Céu e a terra”.

A metáfora “porta” alude a um caminho, a uma passagem, e a Igreja é a detentora do poder de manter essa “porta” aberta. Percebemos que essa estratégia é utilizada para manter a relação de persuasão. E por trás disso temos uma investidura ideológica, pois há uma relação de poder instaurada. A Igreja detém o poder de levar o cristão a Deus e vice-versa e os fiéis precisam da Igreja, pois ela é a “mão” que mantém a “porta” aberta. Segundo Francisco (2014), os cristãos são incapazes de ir até Deus sozinhos, pois eles se fecham em si mesmos e fecham a porta que leva até Deus. Vejamos isto nos fragmentos (43) e (44):

(43) E a Igreja é como a *mão* que mantém aberta esta *porta* (...)

(44) O mundo (...) tende a fechar em si mesmo e a fechar a referida porta através da qual Deus entra no mundo e o mundo n’Ele.

As estratégias, metafórica e ideológica, são utilizadas para tornar eficaz a retórica de Francisco (2014) que, como Reboul (2004) destaca em seus estudos, é a arte de persuadir. Neste caso o público-alvo são os cristãos. Notamos, ainda, as várias estratégias discursivas usadas para dar razão à hegemonia instaurada. Constatamos a liderança da Igreja no domínio ideológico dos cristãos, pois, segundo Francisco (2014), eles necessitam de auxílio para

chegarem até Deus, ajuda esta fornecida pela Igreja para que seu povo alcance o Céu. O Sumo Pontífice expressa o seu desejo para com as comunidades e utiliza alguns recursos para alcançar o público.

(45) Amados irmãos e irmãs, como desejo que os lugares onde a Igreja se manifesta, particularmente as nossas paróquias e as nossas comunidades, se tornem *ilhas de misericórdia no meio do mar da indiferença!*

No trecho acima, o Papa utiliza novamente o vocativo “amados irmãos e irmãs” e essa familiaridade – gerada por esse vocativo – é um recurso para que já íntimos, ele possa pedir o que deseja com mais naturalidade. Ao utilizar o recurso da metáfora “ilhas de misericórdia no mar da indiferença”, o líder da Igreja Católica provoca no leitor essa reflexão, mencionada por Halliday (1985), em que as ilhas de misericórdia são os cristãos que servem e o mar da indiferença é a sociedade como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Papa Francisco (2014), ao longo do discurso, utiliza estratégias para atrair a atenção do leitor. Entre as mais usadas estão as persuasivas, as ideológicas e as metafóricas. O objetivo do líder da Igreja Católica é persuadir o seu povo para servir, mas sob o auxílio e supervisão da Igreja.

Percebemos a presença de um ciclo na mensagem: o cristão quando se encontra bem e confortável esquece-se dos outros, e isso é um problema; para que ele o solucione, precisa ser parecido e semelhante a Deus, que serve os humanos ao ponto de enviar o seu filho, Jesus, para a remissão dos pecados da humanidade. Para chegar à semelhança de Deus, é necessária a Igreja, pois é a “mão” que deixa a porta entre o céu e a terra aberta, e é por meio dela que os católicos podem receber os sacramentos e tornar-se o Corpo de Cristo.

Há uma pressuposição aqui, uma vez que para receber esses sacramentos é preciso fazer o que a Igreja prega: rezar e missionar pelos mais necessitados. O cristão precisa ter essas atitudes em consideração ao que Jesus Cristo fez. Segundo o entendimento da Igreja, Jesus Cristo veio ao mundo para dar vida à humanidade pecadora por meio de sua morte e ressurreição. Para entrar no Reino de Deus é necessário se assemelhar a Cristo. Esses “irmãos” à margem são “o irmão e a irmã pelos quais Cristo morreu e ressuscitou”, ou seja, aqueles que vivem bem e confortáveis não são melhores que os demais, e têm o dever de ajudar os necessitados. Como recompensa por esse serviço, a Igreja prega que o cristão receberá um lugar na Igreja do Céu.

Percebemos que todas as estratégias usadas pelo Papa Francisco (2014) são relevantes, pois ele é um líder de milhões de católicos, e, por essa função, possui o poder de influenciar

todos eles com seus discursos e atos. Com base nesse ciclo apresentado, compreendemos que todas as estratégias possuem o efeito de persuadir o cristão a fazer o que Francisco deseja. Após identificarmos e analisarmos esses recursos utilizados por Francisco (2014), concluímos que essa mensagem por ter um caráter de sermão tem inúmeras estratégias e elas além de persuadirem fazem com que a hegemonia instaurada seja mantida. Lembrando que a Igreja Católica (terrena) e Igreja Celeste são as detentoras desse poder. O Sumo Pontífice persuade o leitor a ser mais generoso, a rezar mais e a seguir Jesus Cristo por intermédio da Igreja Católica, e tem como fim a salvação desses cristãos. E para atingir seu objetivo, ele convence o cristão por meio dessas estratégias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALDAZÁBAL, José. **Dicionário Elementar de Liturgia**. Disponível em: <http://www.portal.ecclesia.pt/ecclesiaout/liturgia/liturgia_site/dicionario/dici_ver.asp?cod_dici=515>. Acesso em: 22 maio 2015.
- ALMEIDA, Daniela. **As dez lições de liderança do Papa Francisco**. Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Inspiracao/Carreira/noticia/2013/07/dez-licoes-de-lideranca-do-papa-francisco.html>>. Acesso em: 20 maio 2015.
- BARROS, Dulce Elena Coelho. **Análise do Discurso Crítica: pesquisa social e linguística**. UEM/UnB/CNPq, JIED – Jornada Internacional de Estudos do Discurso, março 2008. p. 208. Disponível em: <<http://www.dle.uem.br/jied/pdf/AN%20C1LISE%20DO%20DISCURSO%20CR%20CDTICA%20barros.pdf>>. Acesso em: 6 maio 2015.
- BÍBLIA. Português. **A Bíblia – tradução ecumênica**. São Paulo: Loyola, 2002.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. São Paulo: UNICAMP, 1997.
- BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. **Manual de produção de textos acadêmicos e científicos**. São Paulo: Atlas, 2013.
- CASTRO, Maria Lília Dias de. Teorias e Estratégias Discursivas. In: CIÊNCIAS DA COMUNICACÃO, 2005, Covilhã. **Teorias e Estratégias Discursivas - Discurso publicitário: o encontro de vozes**. Covilhã. Universidade da Beira Interior, 2005. 2. v. p. 469.
- Constituição Dogmática Lumen Gentium**. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Trad. (org.) Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- _____. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London; New York: Routledge, 2003.
- FRANCISCO. **Mensagem do Papa Francisco para a Quaresma de 2015** - Fortalecei os vossos corações (Tg 5, 8). Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/lent/documents/papa-francesco_20141004_messaggio-quaresima2015.html>. Acesso em: 10 março 2015.
- HALLIDAY, Michael A. K. **Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1985.
- HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 1.0. 1 [CD-ROM]. 2001.
- MAGALHÃES, I. **Introdução: a análise de discurso crítica**. D.E.L.T.A. São Paulo, 2005.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.
- RAMALHO, Viviane e RESENDE, Viviane de Melo. **Análise do discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. **Análise do discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. São Paulo: Pontes Editores, 2011.
- REBOUL, Oliver. **Introdução à retórica**. Tradução Ivone Castilho Beneditti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- RODRIGUES, Fátima. **8 Lições de liderança do Papa Francisco, o jesuíta argentino**. Disponível em: <<http://www.portaldalideranca.pt/arquivo/destaque/8-licoes-de-lideranca-do-papa-francisco-o-jesuita-argentino-que-lidera-os-caminhos-da-igreja-catolica>>. Acesso em: 20 maio 2015.
- SANTA SÉ. **Catecismo da Igreja Católica**. 2. ed. Brasília: CNBB, 2013.